

UNIFICADOS

Sindicato Químicos Unificados de Campinas, Osasco, Vinhedo e Regiões

www.quimicosunificados.com.br

nº 10 junho de 2009



O IV Congresso do Sindicato Químicos Unificados de Campinas, Osasco e Vinhedo está aí.

Nos dias 19, 20 e 21 de junho, os trabalhadores(as) decidirão políticas e planos de ação para o próximo período, fazendo valer concretamente a democracia operária. Será o momento máximo das decisões no sindicato.

Serão discutidas a conjuntura política e econômica nacional e internacional, a organização por local de trabalho (OLT) e a reorganização do movimento sindical e popular em busca da construção da unidade na luta pelo socialismo, entre outras questões coletivas e do cotidiano dos trabalhadores(as).

Este boletim apresenta o ponto de vista da direção do sindicato em relação aos temas centrais a serem debatidos, conforme proposta de pauta. Cada tema (conjuntura, OLT e reorganização dos movimentos) foi tratado nas três regionais do Unificados em um ciclo de debates amplamente divulgado na categoria. Nesses encontros, foi possível realizar um aprofundamento na tentativa de contemplar as diferentes visões e anseios no momento político que vivemos.

No Unificados, conforme a história mostra, quem decide os caminhos da entidade são os próprios trabalhadores. Os delegados(as) inscritos(as), representando trabalhadores da categoria, terão uma grande responsabilidade.

Que venha o IV Congresso! Nossa força para resistir está em nossa organização e em nossa luta!

ORGANIZAR, RESISTIR, LUTAR!

Não vamos pagar pela crise!

Intensificar a mobilização e fortalecer o sindicato para avançar nas conquistas

O IV Congresso dos Químicos Unificados será realizado em um momento em que o capitalismo vive uma das maiores crises de sua história.

Por isso, é preciso entender as consequências dessa crise e saber como ela atinge a classe trabalhadora internacionalmente e no Brasil, de modo especial.

Causas

A crise, cujo estopim foi o colapso do financiamento imobiliário dos EUA, é resultado da quebra do grande cassino que, nas duas últimas décadas, destinou recursos obtidos pela exploração do trabalho para a especulação financeira nas bolsas de valores de todo o mundo. É também uma crise de superprodução, em que o crescimento da produção não se refletiu no aumento do poder de compra das pessoas, porque os salários não aumentaram na mesma proporção.

Consequências

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), até o final de 2009 a crise econômica irá produzir cerca de 50 milhões de novos desempregados no mundo e aumentará a pobreza: a população mundial que ganha menos de US\$ 1 por dia vai crescer de 480 milhões para 520 milhões até o fim de 2009.

Brasil

A crise é grave e atinge o Brasil. Até o momento, já provocou o fechamento de mais de um milhão de postos de trabalho, em um contexto de forte redução da atividade econômica.

Governo Lula

O governo Lula não tem enfrentado a crise. Lula vende a falsa idéia de que governa para os mais pobres. Mas, na prática, enche os bolsos dos mais ricos, especialmente os banqueiros e grandes empresários.

As medidas estão voltadas para a redução dos prejuízos das empresas, sem

a exigência de qualquer contrapartida que garanta a manutenção dos empregos. Além disso, os incentivos não se vinculam com nenhuma política de desenvolvimento sustentável do ponto de vista ambiental.

Empresas aproveitam

Várias empresas tentam lucrar, ameaçando os trabalhadores de demissão para impor medidas de flexibilização, a exemplo da redução da jornada com redução de salários. Enquanto isso, as medidas do governo preservam os interesses especulativos e o lucro dos bancos, o direcio-

namento de grande parte do orçamento para o pagamento dos juros da dívida, a dependência tecnológica do país e a concentração de terras e da renda nas mãos de poucas famílias.

Organizar, resistir, lutar

O Unificados entende que a única forma de avançar na construção de uma alternativa é através da unidade de todos os setores que querem lutar em defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora, numa plataforma de transformação do Brasil, com uma perspectiva socialista.



Medidas para o enfrentamento da crise

1. Estabilidade no emprego;
2. Não à flexibilização dos direitos trabalhistas;
3. Redução da jornada de trabalho sem redução de salários;
4. Reestatização da Embraer e da Vale do Rio Doce;
5. Extensão do seguro desemprego para 12 meses;
6. Isenção do pagamento de tarifas públicas para os desempregados;
7. Redução da taxa de juros próxima à zero;
8. Reforma tributária progressiva, com taxação das grandes fortunas;
9. Controle de capitais e fim das remessas de lucro para o exterior;
10. Investimento público massivo em atividades que gerem emprego;
11. Não a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais;
12. Todo o apoio ao MST e demais movimentos de luta pela terra;
13. Reforma agrária e urbana;
14. Em defesa da Amazônia: desmatamento zero;
15. Redirecionamento do investimento público para atividades econômicas sustentáveis do ponto de vista ambiental e voltadas às necessidades sociais.

Organização por Local de Trabalho

Fundamental para a classe trabalhadora e estratégica rumo ao socialismo

A organização por local de trabalho (OLT) se faz no coração da produção capitalista, ali onde se vive a contradição fundamental entre capital e trabalho e onde os patrões exercem de forma absolutamente contundente a exploração e dominação dos produtores.

Ela tem um papel fundamental porque alia resistência à exploração capitalista no dia-a-dia com escola de luta (na ação coletiva, nas práticas de solidariedade e de democracia operária), de exercício de disputa e contração ao poder do patrão, avançando em direção ao controle operário sobre a produção.

No coração da produção

Onde os trabalhadores estão juntos e trabalhando sob as mesmas condições, existe maior possibilidade de se vejam como coletivo, como classe, e não como indivíduos isolados.

A OLT tem um papel fundamental na desmistificação das balelas dos patrões, praticando enfrentamento direto com o capital.

Escola prática

A OLT é uma escola prática de luta: atua no cotidiano do enfrentamento da exploração capitalista; exercita a capacidade de organizar e executar as ações, discute-decide-planeja-executa-avalia coletivamente e desenvolve práticas de solidariedade de classe e de democracia operária.

Lutas de toda classe

A luta do movimento sindical combativo tem um duplo caráter: resistir de todas as formas à exploração do capital buscando conquistar melhores condições de vida e trabalho e lutar pelo



Votação realizada no III Congresso do Sindicato Químicos Unificados, em 2006

fim da exploração, pela construção de uma sociedade socialista. Luta econômica e luta política combinadas.

O poder de fogo da organização dos trabalhadores(as) na base dependerá não só da organização no local de trabalho, mas da luta de toda a classe trabalhadora. A luta na fábrica deve estar sempre articulada e integrada às lutas gerais da categoria e da classe como um todo.



No capitalismo não há saída

Desde o início da sua existência, o sistema capitalista está na base da situação de miséria, penúria e exploração em que vivem os trabalhadores(as).

No último período, a política neoliberal e a reestruturação produtiva com flexibilização dos direitos, terceirização, polivalência, maior ritmo e intensidade de trabalho, assédio moral, ideologia da parceria deram a tônica, refletindo aumento da exploração e maior dominação política e ideológica sobre os trabalhadores.

Nosso objetivo maior deve ser o de lutar pelo fim do capitalismo, pelo fim da exploração do homem pelo homem, pelo fim das classes. Tomar nas nossas mãos a construção de outra sociedade baseada na socialização dos meios de produção e no fim da propriedade privada, na produção voltada para atender as necessidades da maioria da população, uma sociedade justa e igualitária, uma sociedade socialista.

Embora a crise capitalista de hoje imponha grandes dificuldades para os trabalhadores, é também um momento histórico para mostrar as contradições do sistema, avançar nas lutas, na organização dos trabalhadores e na construção de uma ferramenta que unifique o conjunto da classe trabalhadora, amplie nossas conquistas e ações que acumulem para a superação do capitalismo.

Quais são os desafios para avançar na organização por local de trabalho hoje



Construir a unidade na luta



O desafio é recolocar as reivindicações e as bandeiras da classe trabalhadora

No IV Congresso serão apresentadas propostas de construção de uma nova ferramenta, uma central sindical, com o objetivo de reafirmar a necessidade de construir um sindicalismo autônomo e independente dos patrões, dos governos e dos partidos.

Como a CUT deixou de defender os interesses dos trabalhadores, é fundamental hoje a criação de uma central capaz de recolocar as bandeiras da classe para organizar e mobilizar os(as) trabalhadores(as) do campo e da cidade por uma sociedade socialista.

Desde o III Congresso, o Unificados tem contribuído significativamente para viabilizar a construção de uma alternativa organizativa.

As propostas se expressam atualmente na Conlutas e na Intersindical, sendo que nesta há visões diferentes quanto ao processo dessa construção.

Para não repetir os erros e aprender com os acertos, veja no quadro as diferentes concepções sindicais no decorrer da história da classe trabalhadora no Brasil e como a CUT deixou de representar os(as) trabalhadores(as).

Nossa luta faz história

Anarquistas e comunistas

As primeiras décadas do séc. XX são marcadas por lutas, cuja direção é fortemente influenciada pelo ideário anarquista e socialista.

Embora combativo e atuante, no início dos anos 1920, o movimento anarquista já apresenta limites e, em 1922, é fundado o Partido Comunista Brasileiro, PCB, influenciado pela Revolução Russa de 1917. Atrairá um número expressivo de trabalhadores para o comunismo, com grande influência nos sindicatos.

Atrelamento ao Estado (1930)

Com Getúlio Vargas, o Estado se consolida e passa a intervir nas relações entre capital e trabalho.

O Estado controla o movimento sindical, tornando os sindicatos verdadeiras “máquinas de fazer pelegos”.

Mas, nas fábricas e nas ruas, os trabalhadores resistem. Grande parte da legislação social e trabalhista é conquistada pela classe operária nessa época.

Ditadura militar (1964)

O golpe militar de 1964 chega

representando a mais profunda repressão política para a classe trabalhadora. Com torturas e assassinatos, vem o arrocho de salários, a lei antigreve e o fim do regime de estabilidade no emprego.

Entre 1964 e 1977 não há praticamente grandes manifestações. Foram poucas as exceções: uma delas é a Greve de Osasco de 1968, com ocupação da Cobrasma.

Novo sindicalismo (1978)

Em 1978 ocorre o salto de qualidade de um longo processo de resistência.

O movimento sindical ressurgiu a partir das grandes greves, principalmente nas metalúrgicas do ABC, Osasco, Guarulhos e capital.

É o “novo sindicalismo”, que se constitui em um amplo movimento de democratização.

A CUT aglutina as correntes sindicais mais ativas e se estabelece como importante organização política e social.

Hegemonia neoliberal (anos 1990)

A hegemonia neoliberal avança. A flexibilização e precarização do trabalho enfraquecem as formas organizativas e de luta da classe.

É criada a Força Sindical, central que já nasceu defendendo o capitalismo e os patrões.

A CUT passa por um processo de mudança na sua atuação.

Falência da CUT

Predomina na CUT uma concepção de atuação baseada na lógica do mercado. Sob o argumento da necessidade de apresentar propostas “viáveis”, são incorporadas à prática sindical preocupações com a produtividade, competitividade e lucratividade das empresas. Essa nova estratégia desestimula e desvaloriza a mobilização, privilegiando os pactos e a ação institucional.

Com a eleição de Lula, a CUT dá “cheque em branco” ao governo e perde sua autonomia. Além disso, cai em imobilismo frente à continuidade das reformas neoliberais.

No IV Congresso do Sindicato Químicos Unificados de Campinas, Osasco e Vinhedo, a resolução é pela desfiliação oficial da CUT, com o compromisso de construir uma central com os setores combativos, que dialogue e atue com os movimentos sociais e que possa, na diversidade, construir a unidade daqueles que não se renderam à conciliação de classes.

EXPEDIENTE

boletim geral do UNIFICADOS é uma publicação dos sindicatos Químicos, Plásticos, Abrasivos, Farmacêuticos e Similares de Campinas, Osasco, Vinhedo e Regiões. **Telefones:** Campinas (19) 3735.4900; Hortolândia (19) 3887.0852; Paulínia (19) 3874.1911; Sumaré (19) 3873.2517; Valinhos (19) 3871.1278; Osasco (11) 3608.5411; Barueri (11) 4198.1387, fone/fax: (11) 4198.7896; Cajamar (11) 4448.2844, fone/fax: (11) 4448.2048; Cotia: (11) 4703.6972 e (11) 4703.5906 (fax); São Roque (11) 4712.1657 e 4712.8542; Vinhedo (19) 3886.6264. **E-mail:** Campinas: quimicosunificados@quimicosunificados.com.br; Osasco: plasquiluta@uol.com.br; Vinhedo: sindibase@uol.com.br **Página na internet:** www.quimicosunificados.com.br **Tiragem:** 20 mil exemplares.

